

PELO DECRETO E Nº7384, DE 30 DE SETEMBRO DE 1974, O GOVERNADOR DO ESTADO DA GUANABARA, DR. ANTÔNIO DE PÁDUA CHAGAS FREITAS, REESTRUTUROU O COLÉGIO ESTADUAL SARAH KUBITSCHECK, TRANSFORMANDO-O EM INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE CAMPO GRANDE PELA LEI Nº 303, DE 14/01/1963 (Anexo 5).

“E isto, meus senhores, é Progresso” (Dayse Alvarenga)

Neste capítulo me debruçarei sobre o discurso da inauguração do Instituto de Educação de Campo Grande, ocorrida em 14 de Outubro de 1974, pronunciado pela professora Dayse Alvarenga (Anexo 3).

Importa destacar que, na cópia que me foi cedida pela professora, ele possui uma capa, que já chama a atenção, pois ele é apresentado como: “Discurso de Inauguração do I. E. Sarah Kubitschek, denominação que este só receberá, posteriormente, em 1978.

Antes de me reportar especificamente aos acontecimentos de 1974, vou tecer algumas considerações acerca de questões que matizaram as reflexões aqui encetadas. A primeira delas diz respeito à grande dificuldade de encontrar os arquivos referentes à legislação do antigo estado da Guanabara: ALERJ, Biblioteca Nacional, Conselho Estadual de Educação. Foram alguns dos locais pelos quais passei em busca da referida documentação. Acabei encontrando-os no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Existe, entretanto, algo que considerei bastante intrigante: todas às vezes nas quais fui atendida por funcionários mais jovens, pude perceber que “o Estado da Guanabara” não era um termo propriamente “familiar”, algo peculiar já que nossa cidade-estado guanabarina existiu durante 15 (quinze) anos.

Outro aspecto interessante foi o fato de que, desde a primeira vez que me debrucei sobre o parágrafo do supracitado “Histórico do Instituto de Educação Sarah Kubitscheck”, com o qual inicio este tópico, tive a impressão de havia “algo errado” com seu texto. Não me parecia crível que um decreto de 1974 reestruturasse o colégio **com base** numa lei de 1963. Apenas ao ter em mãos o

Diário Oficial da época é que constatei que o trecho citado do documento remete ao artigo 8º da Lei 906/57 que criou a Escola Normal (Anexo 2).

Estabelece o referido artigo:

Art. 8 º A Escola Normal Sarah Kubitschek, ao transferir-se para sua sede definitiva, na Avenida Manuel Caldeira de Alvarenga s/n passa a denominar-se Instituto de Educação de Campo Grande.

Há, entretanto, um fato que acredito ser interessante citar: o decreto de 1974 parece ter desagradado profundamente o ex-presidente Juscelino Kubitschek, pela mudança no nome da escola. Carlos Lacerda manifestou-se a respeito, conforme depoimento concedido no período:

Sobre a escolha dos nomes para as escolas da Guanabara, Lacerda esclarece um episódio: diz que o ex-presidente Juscelino Kubitschek foi informado de que ele haveria mudado o nome da escola normal Sara Kubitschek, em Campo Grande, e atribuiu isso a “uma perseguição mesquinha, a uma prevenção pessoal, medíocre e indigna de qualquer um”. Lacerda conta que mandou explicar a ele a verdade dos fatos: havia uma escola normal em Campo Grande em construção, a qual foi dada, no governo do presidente Juscelino Kubitschek, o nome de sua distinta esposa. Continuava a haver em Campo Grande uma escola normal com o nome da Sra. Sara Kubitschek. Quando esta escola se expandiu e através de outras unidades (ginásios, jardim de infância, escola de aperfeiçoamento, etc.) formou um conjunto, o deputado Miécimo da Silva, e não o governador, que foi quem deu o nome primitivo, manteve o nome, mas passou a chamar o conjunto de Instituto de Educação de Campo Grande. A moral da história era assim resumida por Lacerda: “Quem não quiser ser intrigado, e não quiser passar por dissabores desse tipo, nunca deixe de dar o nome de sua família a uma escola enquanto estiver vivo!” Ele conclui acrescentando: “Não viemos aqui para mudar o nome das escolas, viemos para fazê-las; não viemos aqui para mudar o nome de ninguém, viemos para identificar as pessoas”¹.

Admito que antes desta pesquisa nunca tinha percebido o quanto as disputas políticas uma vez consubstancializadas em uma obra/inauguração podem se inflamar por todo e qualquer detalhe que se julgue relevante. Claro que esta não é uma prerrogativa da região estudada, mas para conferir a este trabalho ainda mais um “sabor local”, transcrevo a reportagem a seguir, escrita já na década de 1980:

¹ AGCRJ, BR RJ A GCRJ. C..FAM.1.096, FITA 1, faixa 1, p. 267.



Figura 8 – Recorte retirado do Jornal Folha da Manhã - 12/1952.

6.1

A SOLENIDADE, O DISCURSO E OS REGISTROS

No discurso proferido em 1974, a professora Dayse oferece a este trabalho intrigantes “janelas” de interpretação que subsidiada pelos referenciais desta pesquisa, me proponho a seguir:

(...) na sequência de sentimentos, a evocação de um passado, não muito distante - o ansioso ingresso no majestoso e tradicional Instituto de educação: os anos de preparação (...) afinal o grande acontecimento da colação e a emoção da primeira aula (...) por mais que sonhássemos, a nossa fantasia era marcada pelos limites de uma pequena escola, à frente da qual pretendíamos adotar todas as ideias (sic) que germinavam no nosso idealismo (...). O que o sonho não ousou, as circunstâncias houveram por bem transformar em realidade na

confiança manifestada por Vossa Ex^a Sr Governador, eleição ditada menos pelos méritos ou títulos meus, por demais modestos, para tão grande empreendimento, mas, e, principalmente, pela minha dedicação e vontade indomável de ver concretizado este moderno “centro de cultura” idealização de um amigo da comunidade, hoje aqui representado pelo seu irmão Prof^o Daniel Silva.

Já neste primeiro trecho, a oradora parece contemplar elementos que esta pesquisa insiste em considerar extremamente caros às análises aqui encetadas. Ela faz uso de estratégias identitárias que atrelam sua identidade profissional ao que este trabalho entende ser o grande referencial da identidade docente na região o Instituto de Educação. Na última cerimônia oficial do estado da Guanabara, ela não se furta a salientar o protagonismo do então governador na concretização daquele “centro de cultura”, mas fiel as minúcias das engrenagens da “máquina chaguista”, homenageia Miécimo da Silva, não diretamente, posto que este tinha sido cassado, mas como “amigo da comunidade” cujo prestígio a presença de seu irmão reifica.

Após homenagear outras figuras ilustres, o discurso retorna ao seu viés principal:

Finalmente, cumpre realçar o significado da **Obra** para a região na órbita do Estado (sic) e porque não dizer da nação. Todo empreendimento é como a célula do organismo que se renova e gera inúmeras outras: Se sadia: fortifica e engrandece, Se doente: enfraquece, debilita e destrói. Esta é a célula generosa que irá gerar milhões de outras, desenvolvendo a região, fortalecendo o Estado e engrandecendo, afinal, a Nação Brasileira no conceito dos Países desenvolvidos (grifo meu).

Palavras inflamadas, carregadas de certezas e expectativas acerca do papel “vital” que caberia àquele Instituto inaugurado na erma Zona Oeste e em uma época na qual a própria imagem do professor já passara por uma resignificação: na década de 1970, a visão do magistério como um sacerdócio começa a entrar em declínio quando o docente passa a se anunciar como “ser humano, mortal, que para viver com dignidade precisa se alimentar, vestir, morar, pois não é santo e tampouco transcende a natureza humana” (FERREIRA, 2002, p.81).

Aquele personagem abnegado, disposto a tudo pela causa educativa, ao dar início ao processo de contestação dessa imagem endeusada, começou a cobrar da sociedade a afirmação de sua profissão, bem como salários condignos e melhores

condições. Apenas cinco anos depois da inauguração do Instituto de Educação de Campo Grande, a primeira grande greve da profissão era deflagrada: uma recusa do papel de “célula generosa”?

Como já indicado, aquele ano, no qual a fusão se aproximava cada vez mais, trazia grandes expectativas políticas para o Governador Chagas Freitas. Naquela que foi considerada a última cerimônia oficial do Estado da Guanabara, o discurso da professora Dayse Alvarenga não se furta a enaltecer aquele que inaugurava uma obra que significava “a redenção do esquecimento das administrações anteriores”.

Uma espécie de ressentimento surgido talvez pelo número de obras que caracterizaram os governos anteriores, do qual se têm ideia a partir de registros como os evocados por Motta (*opus cit*). A autora cita o editorial do Jornal do Brasil de 1º de maio de 1970, publicado após a indicação de Chagas Freitas como candidato do MDB ao governo carioca ser confirmada:

A Guanabara tem um novo governador designado para administrá-la a partir do início de 1971, o jornalista e deputado federal Chagas Freitas. A incumbência é honrosa e a tarefa é árdua. O novo governador vai herdar um estado, uma cidade-estado, extremamente enriquecida de obras (...). Nesse imenso canteiro de obras o povo carioca procura manter seus foros de civilização, procura preservar e aprimorar a vocação do Rio, que é a de criar e fixar a cultura brasileira. Como Paris para os franceses, ou Nova York para os americanos, o Rio é o grande ímã àqueles que desejam forjar um destino comum. Esta situação única da Guanabara no mapa espiritual do Brasil exige uma infra-estrutura administrativa.

Obras estas que aparentemente não teriam contemplado a Zona Oeste. Seguindo o mesmo tom, o protagonismo de Chagas Freitas é reiteradamente celebrado mesmo que em detrimento de sua equipe:

(...) o atual governo, numa demonstração de acendrado espírito público, voltou-se decididamente para este empreendimento. Claro que uma obra deste porte resulta de um trabalho de equipe, no entanto, no caso particular, mister destacar a ação específica de V.Exa. Sr. Governador Chagas Freitas (..) qual pai extremado observou atentamente os primeiros passos da filha diletta, sorriu de suas travessuras orientou sua formação e participou de seu sucesso.

Dirigindo-se, então, diretamente ao governador, ela o agradece por “malgrado a multiplicidade de seus encargos” ter dedicado não apenas apoio à

obra, mas também lhe conferido “forças e estímulos para superarmos as dificuldades”. Esta alardeada dedicação do governador à construção de uma escola na Zona Oeste me remeteu às considerações de Sarmento (1999):

Chagas era entendido como um produto do peculiar conjunto de características que definiam o campo político no qual atuara. Descolado do eixo cosmopolita-nacionalizante, Chagas exprimiu, de forma lapidar, o reverso da medalha da política carioca. Talvez nenhuma outra liderança política de sua época tenha se identificado tão estreitamente com uma prática política orientada pelo realismo, calcada em estratégias eleitorais que compreendiam de forma exemplar os condicionantes locais e clientelísticos da atuação política (p. 108).

Mas, em 1974, naquela “pomposa” inauguração, não haveria espaço para tais reflexões, o importante era o presente, ou melhor, o futuro. E este, nas palavras da professora Dayse Alvarenga, aparecia como algo extremamente promissor:

A obra está aí, majestosa e altaneira. Mas não é tudo! Precisamos aperfeiçoá-la e engrandecê-la (...) verdadeiro legado que poderemos transmitir aos nossos sucessores, não como aquela eterna promessa, mas como símbolo edificante e vivo de nossa capacidade de realizar (...). E isto, meus senhores, é Progresso.

A inauguração do Instituto de Educação de Campo Grande foi amplamente documentada através de fotos, meticulosamente organizadas em um álbum pela professora Dayse Alvarenga. Suas páginas registram a presença de personagens ilustres, entre os quais: o governador Chagas Freitas, seu secretário de educação: o professor Arnaldo Niskier, políticos locais que representavam grupos até então rivais, tais como Daniel Silva e Dilson Alvarenga e Alcir Pimenta e a ex- primeira dama, Sarah Kubitscheck.

Entre as fotos selecionadas (Anexo 6), cumpre destacar a da placa comemorativa da inauguração do Instituto de Educação de Campo Grande. Tive a possibilidade de fotografá-la e percebi que a maioria dos alunos que lá estudam a apontam como a placa de inauguração “do Sarah”.

Com relação à criação do Instituto de Educação Sarah Kubitscheck, propriamente dito, nem fotos, nem discursos, nem mesmo considerações sobre progresso e futuro. Apenas as referências do supracitado “Histórico do Instituto de Educação Sarah Kubitscheck”: “Pelo anexo ao Decreto 2027, de 10/08/1978, o Governador do estado do Rio de Janeiro Almirante Floriano Faria Lima, transformou o Instituto de Educação de Campo Grande em Instituto de Educação Sarah Kubitscheck”.